

MIGRAÇÃO NO BRASIL: ESTÓRIAS DE RETIRANTES(*)

Joseph M. Luyten

Professor Visitante da Universidade
de Tsukuba, Japão

O Brasil, como seus congêneres americanos, é, essencialmente, um país de migração. Após ter sido descoberto pelos portugueses, em 1500, estes iniciaram a penetração de sua longa costa e depararam-se com inúmeras tribos ameríndias que, pela sua própria ambientação cultural, eram predominantemente migrantes: moviam-se pelos grandes espaços, coletando alimentos, caçando e pescando. A "Conquista" portuguesa iniciou-se a partir da costa e foi-se movendo lentamente para o interior. Os segmentos mais aventureiros ou menos beneficiados desta nova população foram os primeiros a arriscar suas vidas e sua saúde, através de combates com os indígenas, inicialmente em busca de riquezas minerais, depois pela posse da terra, mas sempre procurando escravizá-los.

Depois, à medida que se foram abrindo perspectivas para a implantação de grandes sistemas de plantios, introduziu-se grandes quantidades de escravos africanos. Devido à grande miscigenação dessas três raças, tem-se hoje um grande país, onde vive uma população igualmente grande (cerca de 140 milhões), constituída, em todos os graus possíveis de mestiçagem, de pessoas originárias de africanos, europeus e ameríndios. Isto se deu em tal medida que hoje, em muitos casos, é impossível traçar a composição étnica da população: todos se satisfazem em simplesmente se denominar brasileiros.

Apesar da superfície do Brasil (8.511.965 km²) ter sido atingida desde 1903, com a aquisição do Acre, cerca de 75% da população viviam, até 1950, numa faixa de terra de 100 km de largura que se estende ao longo de uma costa de 7.408 km. Naturalmente, ocorreram movimentos significativos no

(*) Traduzido por Hélio Augusto de Moura do original em inglês intitulado **Migration in Brazil: Stories told by Migrants** publicado em "Area Studies Studies Tsukuba 8: 125-172, 1990" Respeita-se a grafia original dos versos transcritos no texto.

sentido de ocupar as vastas e por vezes selvagens áreas do interior. Entretanto, só depois de Getúlio Vargas haver idealizado a chamada "Marcha para o Oeste" é que os governos subseqüentes procuraram levar a tarefa a cabo de forma mais séria e sistemática. Construíram-se novas e melhores estradas, especialmente durante o Governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Logo, inaugurou-se Brasília, a nova capital, e grandes rodovias passaram a ligá-la ao resto do Brasil, inclusive a Belém (Pará), na Região Norte.

Na primeira metade deste século, mais de 75% da população brasileira viviam em quadros rurais. Desde então tal situação mudou drasticamente e, agora, essa percentagem corresponde à proporção dos que residem em quadros urbanos. No Brasil, atualmente, estão ocorrendo não só fluxos migratórios em direção às novas áreas de fronteira da Região Amazônica, como também em direção às grandes cidades. Por um lado, isto causa problemas ambientais e, por outro, provoca forte deterioração e violência urbanas.

Além do crescimento natural (e não controlado) da população brasileira, há que considerar os crescentes fluxos migratórios regionais, especialmente aqueles oriundos do Nordeste, onde a ocorrência de secas e enchentes periódicas contribuem para este tipo de movimento.

A migração nordestina ocupará um lugar especial neste estudo por causa de sua magnitude e também devido aos meios específicos de comunicação-folk que dela se originam. Existem muitos e bons estudos que, sob os ângulos geográfico, histórico, sociológico e antropológico, tratam do problema da migração no Brasil. Todos eles baseiam-se em informações obtidas através de pesquisas científicas e, por isto, representam as formas de pensamento e de avaliação da inteligência brasileira e internacional sobre o fenômeno. Desta vez, entretanto, gostaríamos de introduzir as opiniões dos próprios migrantes a respeito da migração, através de seus meios de comunicação naturais, quais sejam, os poetas populares, os cantadores, e os folhetos de sua literatura de cordel.

Acreditamos que os poetas populares têm suficiente autoridade para descrever essa questão dramática que é a migração, principalmente porque muitos deles a experimentaram na carne. E também porque os milhões de migrantes nordestinos são muito mais influenciados pela literatura de cordel do que pelos estudos científicos e oficiais. Neste sentido, os folhetos podem até ser considerados como causa e conseqüência de muitos atos migratórios.

O NORDESTE, A GRANDE FONTE DA MIGRAÇÃO NACIONAL

O Nordeste brasileiro compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Climaticamente, pode-se também considerar o norte do Estado de Minas Gerais, embora esta área comumente não seja incluída pelos pesquisadores. A Região ocupa uma área de 1.548.672 km², ou seja, cerca de 18,20% da superfície do Brasil. Sua população atual é de 41.408.000 habitantes (28,7% do

Brasil), dos quais 23.246.000 residem em quadros urbanos e 18.162.000 em domicílios rurais (estes perfazem 50,1% de toda a população rural brasileira).¹

Esta região brasileira, que já foi a maior produtora mundial de açúcar (século XVIII), é, hoje em dia, uma das áreas mais pobres do planeta, com índices de mortalidade infantil e de desnutrição comparáveis ao do Sahel. Devido à intensa exploração monocultora dos solos havida no passado, o Nordeste é hoje periodicamente castigado por períodos alternados de secas e enchentes. Em consequência, milhões dos seus naturais vivem fora da Região. Dados mais precisos sobre o número exato ou aproximado de migrantes nordestinos podem ser encontrados em ANDRADE, COSTA, MOURA e SOUZA.² Entretanto, se considerarmos que as migrações nordestinas vêm ocorrendo de forma intermitente durante os últimos três séculos, pode-se estimar o número de migrantes e de seus descendentes em vários milhões, cabendo-lhes uma contribuição significativa na formação populacional das demais regiões brasileiras.

Em geral, considera-se difícil estabelecer exatamente o número de migrantes devido a várias razões, tais como a falta de estatísticas retrospectivas, a existência de migração interdomiciliar, isto é, dos quadros rurais para os quadros urbanos, a migração de retorno, a re-emigração, etc.

Assim, vem sendo o Nordeste considerado como uma área problemática e produtora de migrantes. Até há algum tempo não se atribuía maior importância a este fato porque os brasileiros sempre tinham em mente o tamanho continental do País. Contudo, após os anos cinqüenta, com o crescimento contínuo das áreas urbanas, maior atenção passou a ser dada às causas e aos efeitos da migração regional no Brasil.

Há um outro aspecto concernente ao Nordeste que precisa ser considerado: não se deve esquecer que foi exatamente esta parte do Brasil a ser primeira e exitosamente colonizada por Portugal. Durante os dois primeiros séculos de presença européia na América do Sul, o Nordeste era um florescente conjunto de colônias que deram origem aos seus atuais pequenos Estados, os quais detêm ainda muita importância por suas contribuições políticas e culturais.³ Muitas das maiores expressões culturais nacionais, como Jorge Amado (escritor) e Gilberto Freyre (sociólogo), são nordestinas. A primeira capital brasileira, durante muito tempo, foi Salvador (Bahia).

Neste sentido, ninguém no País nega a grande e contínua contribuição que o Nordeste tem dado à cultura e à política brasileiras. Não só no que diz respeito à cultura de alto nível, mas também no que concerne à sua contribuição para o folclore. Nisto, o Nordeste ocupa o primeiro lugar em relação ao País. Pelo fato de ter sido a mais antiga e duradoura área brasileira sob influência portuguesa e um cadinho cultural, muitas das atuais tradições folclóricas nordestinas remontam a essas origens.⁴

Em consequência, pode-se afirmar que parte considerável das manifestações folclóricas presentes em todo o País (com algumas exceções regionais, como o Rio Grande do Sul e o interior de São Paulo e Minas Gerais) têm sido estimuladas por migrantes nordestinos.

Referimo-nos aqui, em especial, aos grandes fluxos migratórios ocorridos nos últimos cem anos. Assim, pode-se começar com a migração ocasionada pela febre da borracha que ocorreu durante as décadas finais do século XIX, quando milhares de nordestinos estabeleceram-se na Região Amazônica para extrair borracha em árvores nativas daquela Região. Daí o fato de a maioria dos habitantes não indígenas residentes às margens dos rios que formam a bacia amazônica descender de nordestinos e continuar a expressar muito da cultura dos seus ancestrais.

Após 1930, com o início da industrialização no Rio de Janeiro e em São Paulo, milhões de nordestinos migraram para essas áreas, num processo que ainda perdura.

Mais uma vez, nos anos cinquenta, quando Juscelino Kubitschek iniciou a construção de Brasília, a nova capital localizada no Estado de Goiás, são os nordestinos que suprem grande parte das necessidades de mão-de-obra não qualificada. Constituem agora a grande maioria da população do Distrito Federal.

Poder-se-ia ir escrevendo mais e mais sobre detalhes e fatos importantes intrinsecamente relacionados com essa migração. Preferimos, entretanto, conceder a palavra aos próprios migrantes e aos seus líderes naturais de opinião: os "cantadores" (menestréis) e os "poetas da literatura de cordel".

A MIGRAÇÃO VISTA PELOS POETAS POPULARES

Em nosso estudo "Systems of popular communication in Brazil", publicado no **Area Studies Tsukuba 6** (pp. 227, 235, 236) já havíamos introduzido informações básicas sobre a literatura de cordel brasileira e sobre as cantorias. Também no **Area Studies Tsukuba 7** (p. 151, 155-160) oferecemos informações adicionais. Deste modo, podemos considerar o leitor familiarizado com o amplo e difundido significado da poesia popular no Brasil.

Tendo como fonte uma coleção de folhetos com 8.000 títulos, encontramos 48 deles que tratam mais diretamente sobre a migração.

Didivindo-os segundo os assuntos, temos os seguintes números:

| | |
|---|----|
| 1. Situação do Camponês | 03 |
| 2. O Camponês na Cidade Grande | 06 |
| 3. Os Migrantes na Amazônia | 05 |
| 4. Advertências Sobre a Migração | 09 |
| 5. Propaganda Sobre o Rio de Janeiro | 01 |
| 6. A Migração para o Rio de Janeiro | 06 |
| 7. A Migração para São Paulo | 13 |
| 8. A Migração para Brasília | 02 |
| 9. Saudade e Retorno | 02 |
| 10. "São Saruê", uma Utopia-Folk Brasileira | 01 |

Alguns poetas escreveram mais de um folheto. Pelo menos 50% dos autores são famosos comunicadores populares. Os outros são pessoas alfabetizadas ou semi-alfabetizadas que habitualmente escrevem para os migrantes ou para associações a que pertencem.

1. A Situação do Camponês

Com relação a este item, selecionamos três folhetos. O primeiro deles é o **Drama de Um Nordestino**, de Elias A. de Carvalho (ele próprio um migrante residente em Petrópolis, próximo ao Rio de Janeiro), que foi publicado em 1982. O autor apresenta as duas situações opostas na vida do camponês nordestino, isto é, com chuva e sem chuva.

Com chuva no tempo certo
o nordeste vive em festa.
As plantas e os animais
dando pujança à floresta,
vida, aroma e melodia
tudo ali se manifesta.

O camponês faz a roça
e confia na previsão
se não houver contra-tempo,
logo no mês de São João
a gente já tem fatura
da primeira plantação.

Vem o tempo da colheita
todo mundo tem dinheiro.
O forró comendo solto
no salão ou no terreiro,
côco de roda e zabumba
e cantador violeiro.

Raimundo Malheira dos Santos, de Meruoca, Ceará, escreveu, em 1984, ao fim de uma das piores secas deste século, **A Vida do Nordestino**, onde se destaca o seguinte:

O ano de 84
trouxe pra nós alegria
já tem água em muitas partes
isso a gente queria
chegou água para os homens
mas não acabou a fome
de todos que sentiam.

(sem...)

Passa dias, meses, anos,
sem uma chuva presente
de noite um calor lascado
e de dia o sol ardente,
O mato todo secando
e o matuto impaciente.

Seca a água da cacimba
e o rio perde seu curso
deixando só a areia
na extensão do percurso.
Migra o homem, deixa tudo
por escassez de recurso.

É aí que o fazendeiro
a título de camaradagem
Vai atrás do homem aflito
a fim de obter vantagem
e oferece pelo sítio
o dinheiro da passagem.

O pobre não possui terra
prá fazer o seu roçado
os ricos tomaram a terra
encheram ela de gado
se alguém faz plantação
dá a metade ao patrão
do que faz em seu roçado.

A situação é triste
do sertão até a serra
agricultor quer plantar
mas não tem quem lhe dê terra
muitas vezes o infeliz
vai para o sul do país
e por lá mesmo encerra.

Como se vê, mesmo quando a chuva volta, o camponês fica sem terra e tem de escolher entre trabalhar por uma mísera remuneração ou partir.

João Bandeira de Caldas, membro de uma das mais famosas famílias de cantadores e poetas, apresenta **Escravos Modernos**, onde descreve a situação real de muitos camponeses:

Botando roça de meio
pra ganhar o pão da vida
na propriedade alheia
tem uma vida sofrida
padece mil empecilhos
não pode educar os filhos
porque não tem condição
é forçado a trabalhar
de graça para educar
a família do patrão.

Daquele pobre matuto
o patrão tira a vantagem
compra barato o produto
e ainda toma a forragem
empenha o seu algodão
o milho e o feijão
pois não quer que ele cresça
e se ele ficar zangado
sai de lá ameaçado
com os cacós na cabeça.

É uma vida infeliz
e uma grande injustiça
é pequenino quem diz
que no sertão tem justiça
lá o pobre é judiado,
massacrado, escravizado
pelo rico desumano
o morador nordestino
teve também destino
do preto escravo africano.

Também iremos encontrar em alguns folhetos classificados nos outros itens deste estudo referências à situação miserável do camponês explorado pelos proprietários de terra, pelos comerciantes, por padres e por funcionários do Governo. Só nos últimos vinte anos tem havido alguns sinais de revolta contra tal estado de coisas. Certamente, a maioria dessas idéias "revolucionárias" tem sido produzida inicialmente por poetas não-populares, embora elas tenham sido prontamente aceitas pelos poetas tradicionais. É o caso do já mencionado João Bandeira de Caldas que, por seus antecedentes populares, jamais teria se manifestado com tão enérgica indignação.

2. O Camponês na Cidade Grande

É incorreto admitir que os migrantes, uma vez decididos a mudar para um local que acreditam ser melhor, realizem a viagem imediatamente. O que habitualmente ocorre é que os migrantes em potencial discutem a situação e as soluções possíveis com parentes, vizinhos e amigos e tentam quaisquer outras possibilidades antes de decidirem pela migração direta para um local distante e freqüentemente desconhecido. Se a decisão atingida for no sentido de abandonar a terra à qual estão vinculados, então o destino normal será uma das cidades maiores da própria Região, como se pode ver em **Migração Para as Grandes Cidades do Nordeste** e em **Migrações Internas e o Recife**.⁵ Neste sentido, a maioria dos migrantes, quando chega ao seu destino final, já está ambientado com alguns dos costumes (bem como com algumas das mazelas) das áreas urbanas.

Os residentes mais antigos destas áreas, eles próprios freqüentemente ex-migrantes, quase sempre consideram os recém-chegados como ingênuos susceptíveis de cometer tolices.

Sobre este assunto selecionamos seis folhetos.

O primeiro deles é **O Sertanejo Orgulhoso e Seus Filhos na Praça**,⁶ de José Bernardo da Silva (1901-72), um dos três mais importantes poetas da literatura de cordel brasileira. A estória tem início com versos pacíficos:

Um dia entrou no Recife
a caravana do sertão
A burrama sertaneja
carregada com algodão
no armazém do cais do Ramo
fizeram arreação

Depois, podemos imaginar a estória de um inocente agricultor visitando a capital pela primeira vez e metendo-se em toda espécie de dificuldades.

História semelhante é narrada por Dilson Pinheiro em **O Matuto na Cidade** (Fortaleza, 1983). Assim que o matuto chega à cidade, roubam-lhe tudo:

Meu tormento nem se fala
Começou quando cheguei
Carregaro minhas mala
Junto também meus trambei
Minha rede, meu rapé.
Também coisa sem valô.
Calendário de muiê,
E meu "titu de eleitô".

Neste caso, o matuto é preso pela polícia ao procurar socorro, pois não porta documentos. Após muitos outros detalhes, ele, como outros personagens de outras estórias, volta para o seu interior tão depressa quanto possível.

José Martins dos Santos (Maceió), em **Os Arigós no Comércio**,⁷ conta a estória e as confusões de toda uma família:

Saiu ele e a mulher
Dois sobrinhos e um cunhado
Quatro filhos e uma tia
Um genro e um afilhado
Um irmão e dois colegas
Pedro Armando e Zé Bernardo

Saltaram do caminhão
Se puseram tudo em pé
Um deles perguntou ao guarda
Onde o Nova Orara é
Qui quero ir amostrar
As coisas a minha muié.

Era tudo analfabeto
Desses do pé rachado
Nunca vi coisa assim
Por onde eu tenho andado
Quando chegaram na praça
Ficaram um pouco acanhado

Outra estória contada por José João dos Santos (Rio de Janeiro), intitulada **Os Matutos na Feira**,⁸ trata dos desentendimentos resultantes de diferenças quanto às concepções e significados adotados pelos sertanejos.

O que habitualmente ocorre ao final da estória é uma retirada apressada de volta ao interior, como no folheto **Um Matuto na Cidade**, de João Vicente Emiliano (Recife):

Ele disse agora mesmo
vou voltar para o sertão
Saiu dali abusado
foi parar na estação
lá comprou sua passagem
esqueceu-se da bagagem
mas chegou no seu torrão

Quando ele chegou em casa
o povo foi perguntando
se Recife era bonito
ele foi tudo contando
só tem esculhambação
se ver homem de calção
no meio da rua pulando

Lá tem uma tal de praia
aí sim é confusão
as mulheres quase nuas
no meio da população
a gente aí fica em pé
tem gente que vai até
olhar aquele peixão

Nem todas as estórias acabam com a derrota do sertanejo ingênuo. Os folhetos são consumidos, em sua maior parte, por ex-migrantes que, no passado, muito provavelmente sofreram tais situações na própria pele, e agora podem rir do ridículo causado pela primeira visita à cidade.

Há um folheto de Antônio Silva Vilas Boas, que atualmente reside em Salvador, intitulado **A História de um Tabaréu Buscando a Vida na Capital** (1989), que é autobiográfico e tem um final bem otimista:

Aqui tudo é diferente,
Não ando de pé no chão.
Lá eu dormia num banco
A cama aqui tem colchão...
Aqui se pede almoço,
Na roça eu pedia pirão.

Já estou ganhando dinheiro
Os meus pais vou ajudar.
Já pedi diversas vezes
Hoje eu tenho para dar.
Morre afogado quem quer,
Basta aprender a nadar.

Casa, aqui forro é de lage,
Lá se cobre de sapé,
Aqui se viaja de carro,
Lá eu andava era de pé...
Tudo aqui é no Remédio
Na reza ninguém tem fé!

Já escrevo até CORDEL
E faço verso na hora.
Quem duvidar dê o tema
Que eu faço a rima, agora.
Quem vem para a Capital
Nunca mais quer ir embora!

Neste caso, o migrante chega mesmo a se tornar um cordelista e demonstra entusiasmo com sua situação atual.

Este segundo item do estudo, tratando da situação do camponês na cidade grande é talvez o mais leve e o menos trágico. Mesmo assim, pode-se perceber a triste vida que leva o povo do interior do Nordeste. Antonio Vilas Boas descreve-a de forma vívida:

Eu comia pirão puro
Porque a carne não tinha.
Um ovo dava pra três,
Água quente com farinha,
Só no dia de Domingo
É que se comia galinha.

3. Os Migrantes na Amazônia

A migração para a Amazônia teve início na segunda metade do século XIX mas se intensificou em suas duas últimas décadas. Contudo, os nordestinos continuaram migrando para essa Região até 1945, isto é, até o fim da Segunda Guerra Mundial, a fim de atenderem as necessidades das forças aliadas por maiores suprimentos de borracha.

No século passado, com a invenção de Mackintosh do processo de vulcanização da borracha e com o aumento progressivo da produção de automóveis e bicicletas, cresceu a procura mundial da borracha. Na época, a Região Amazônica era o único lugar do mundo onde se podia encontrar borracha. Sua extração era, entretanto, um processo muito complicado, uma vez que não havia plantios sistematizados de seringueiras, sendo a coleta do látex feita por trabalhadores que se embrenhavam na floresta a fim de visitarem cada árvore duas vezes ao dia. Com a febre da borracha, aumentaram as necessidades de mão-de-obra para essa atividade, o que coincidiu com um período de severas secas no Nordeste, por volta de 1880. A escravidão estava sendo abolida e os escravos recusaram o penoso e perigoso trabalho na mata. Atraídos por belas promessas (raramente cumpridas) dos proprietários de terras amazônicas, milhares e milhares de nordestinos embarcaram nessa aventura, da qual muitos jamais retornaram. Contudo, no começo do atual século, os holandeses e os britânicos iniciaram a produção de borracha na Malásia e na Indonésia, em sistema de plantios racionais, a partir de sementes ilegalmente trazidas do Brasil. Desta forma, arruinaram a produção amazônica. É verdade que a extração da borracha continuou (e ainda continua), mas atualmente a participação do produto é bem pouco significativa no total da produção mundial, bem como no volume das exportações brasileiras.

Foram selecionados cinco folhetos alusivos a esse período. Três deles foram publicados durante a Primeira Guerra Mundial ou logo após. Um quarto refere-se às condições prevaletentes na extração da borracha durante a Segunda Guerra Mundial e um outro, mais recente, trata de problemas ecológicos.

A Despedida do Piahy e o Rigor no Amazonas (1916, Belém) é de Firmino do Amaral. A primeira parte refere-se à saudação dos seringueiros escravizados pelos seringalistas. Embora a escravidão já houvesse sido abolida desde 1888, os fazendeiros e proprietários de terras criaram um sistema de exploração de seus empregados que, inclusive, ainda hoje funciona em muitos lugares. Consiste em forçar a todos que trabalham em uma propriedade a comprar todos os gêneros de consumo em um barracão local que, naturalmente, também pertence ao mesmo proprietário. As conseqüências são fáceis de ser imaginadas:

A Manoel e João
E aos outros fregueses
Que não estão em condição.
O patrão diz ao cacheiro:
– Empregue toda a atenção!
Venda muito limitado

Quando vir nota do centro
É bom ter muito cuidado,
Só venda farinha e sal
A seringueiro atrazado
E só venda um kilo de carne
A aquelle que for casado.

Se o seringueiro tiver sorte e obtiver algum lucro ao findar o seu contrato, mesmo assim deverá ter cuidado, pois:

Se o freguez tem bom saldo
Botam-lhe uma emboscada,
Quando pobre alegremente
Vae cortando sua estrada,
Ouve o tiro, sente a bala;
Está a vida acabada!

Enterram sob as raízes
Dos arvoredos frondosos,
Procedem assim os patrões
Impuros, impiedosos
E não querem pertencer
A horda de criminosos?

Outro folheto do mesmo Firmino (Teixeira) do Amaral intitula-se **A Vida do Seringueiro** e detalha todos os aspectos da mísera existência do nordestino na selva:

Amazonas é um filtro
aonde reina a illusão
suplicio da mocidade,
Vereda da perdição
Céu dourado da riqueza,
força cruel da pobreza,
escada do turbilhão.

O caso do Jary é um dos folhetos mais famosos sobre a situação dos migrantes nordestinos na Amazônia. O autor é desconhecido e a estória trata de uma revolta de seringueiros que viviam em condição de verdadeira escravidão em Arumanduba, nas terras de José Júlio, Senador pelo Estado do Pará. Este fato provavelmente aconteceu por volta de 1920 e representa uma ação documentada de rebelião de cerca de 800 pessoas, lideradas por José Cesário Medeiros, um dos seringueiros, que haviam sido feitas prisioneiras do sistema acima descrito. A estória é relatada de forma jornalística e descreve com detalhes as tristes condições e a vitória final dos seringueiros, vitória esta que consistiu apenas em conseguirem a liberdade, embora tenham ficado sem vintém, em Belém, para começarem tudo de novo em algum outro lugar.

No dia 4 de junho
à tarde, o sol já morria,
na capital de Belém
certo boato corria
de que na zona Jary
qualquer novidade havia.

.....

O senador José Júlio,
capitalista opulento,
tem na zona do Jary
muito povo em movimento
na borracha, na castanha
para ganhar o alimento.

Muitos chefes de famílias
emigrados no nordeste,
teem vindo destinados
àquelle rincão agreste
e ali ficam trabalhando
expostos à relho e à peste,

.....

Dinheiro nunca pegaram
e saldo nunca tiveram,
pelo menos aos jornaes
foi o que todos disseram
a acabar com tal regimen
um dia se dispuzeram.

A estória continua então com a revolta liderada por Cesário Medeiros, que, com os 800 companheiros, aprisiona uma embarcação e segue para Belém. O senador telegrafa para o governador contando-lhe que um grupo de revoltosos se aproxima da capital a fim de atacar a cidade. Os amotinados são recebidos por soldados armados e prontos para disparar, o que felizmente não acontece, pois eles têm a oportunidade de se explicar. Então, a verdadeira história de abusos e crueldades é denunciada e tudo acaba relativamente bem.

Um folheto mais recente é o de Raimundo Alves de Oliveira, que atualmente vive em Rio Branco (Acre): **Declaração e Lamentos do Soldado da Borracha**. Durante a 2ª Guerra Mundial, devido ao controle da Malásia e da Indonésia pelas forças imperiais do Japão, os aliados pressionaram o governo brasileiro por uma maior produção de borracha natural. Muitos jovens nordestinos, ao invés de serem incorporados ao Exército, foram solicitados a passar alguns anos na Amazônia, na extração da borracha. Muitos pereceram, alguns voltaram, enquanto outros, como Raimundo, lá permaneceram:

Em março de quarenta e três
para o Acre viajei
como soldado da borracha

.....

E atacado pelos insetos
sarampo, febre e sezão,
anemia e barriga d'água
ferida braba e inflamação,
E às vezes farofa de banha
é a sua alimentação

E ele conclui melancolicamente, mas ainda com alguma esperança:

Ainda continuo pobre
vivendo uma situação difícil
mas espero aposentadoria
que será um benefício
que receberei das autoridades
em recompensa do sacrifício.

Outro "soldado da borracha", Provisório Cabano, escreveu, em 1972, para seus companheiros migrantes que permaneceram na Amazônia, o folheto **Colono Velho de Guerra do Interior do Pará**.

Embora seja um cordeiro que tem basicamente uma preocupação ecológica, ele confirma a existência de muitos nordestinos vivendo naquela Região:

Por falta de orientação
E ninguém para ensinar
A mata é derrubada
Sem ninguém prá replantar
O deserto que ficar
Não presta nem prá lavrar

Colono velho de guerra
Do longe do meu Pará
Foi assim que começou a seca
Da Paraíba e Ceará
Tudo lá é terra agreste
Não serve nem prá plantar.

4. Advertências Sobre a Migração

Neste item incluem-se nove folhetos que consideramos como a mais importante contribuição dos poetas populares, pois conscienciosamente advertem seu público sobre as desventuras que resultam da migração. Através deles é possível perceber a consciência que os poetas populares têm acerca de seu papel social de "porta-vozes do bem comum".

Um dos primeiros folhetos que se referem diretamente à migração é **O Retirante**, publicado ou reimpresso em 1955, de autoria do famoso autor e impressor José Bernardo da Silva. Este trabalho trata da migração local, ou seja, do interior para o litoral, e conta sobre a persistência da pobreza mesmo após o deslocamento:

É o resultado
do pobre que vem
sem nem um vintém
e desarranchado
não acha um danado
que a porta lhe abra
que sorte macábra
com filhos demais
a mulher atraz
puxando uma cabra

Outro trabalho, provavelmente publicado na mesma época do anterior, mas neste caso no Estado de São Paulo, é **A Pobreza em Reboião – Os Paus-de-Arara do Norte**, de Francisco Sales Arêda. "Pau-de-arara" é o tipo de transporte usado pelo retirante, geralmente um caminhão cuja carroceria é coberta com uma lona e dotada de mastros nos quais os retirantes armam suas redes.

Este mesmo vocábulo também se usa para indicar os próprios retirantes. Francisco Sales Arêda explica como este tipo de viagem é organizado:

Marca o dia da partida
e fica de prontidão
40 ou 50 homens
nessa triste lotação
dão adeus a sua terra
porque não tem remissão

muitas vezes até sucede
no caminho virar o carro
e se acabam tantas vidas
tornadas no pó do barro
outros vão pro hospital
sem o valor de um cigarro

Só é bom pro motorista
que tem seu carro ariado
retifica bem a máquina
deixa tudo calibrado
pra levar o Pau de Arara
Já contando o resultado

Quando isso não sucede
o menos que acontece
é chegar o motorista
no ponto que já conhece
despeja seu Pau de Arara
e dali desaparece

No Rio de Janeiro, o ponto terminal dessas viagens era comumente o Campo de São Cristóvão, que ainda hoje é um local de reunião de nordestinos e onde funciona, inclusive, uma famosa feira livre semanal, com especialidades nordestinas, muitos poetas de cordel e cantadores.

Francisco Sales Arêda conclui sua descrição das dificuldades e misérias por que passam os retirantes, advertindo:

Portanto caros nortistas
o bom é nosso lugar
eu mesmo prefiro ele
e um conselho vou dar
é melhor sentir com pena
que sem remédio chorar.

Um dos poetas mais famosos e que sistematicamente se tem expressado contra a migração é Patativa do Assaré. Ele é representativo do poeta rural tradicional, isto é, aquele que trabalha no campo durante a semana e, aos domingos, vem à vila para cantar com seus companheiros. Sua obra tem sido reimpressa muitas e muitas vezes, especialmente por membros da Igreja Católica Progressista, na sua tentativa de evitar a migração desorganizada.

Foram selecionados neste item quatro folhetos de Patativa do Assaré, os quais, de fato, resumem-se a apenas dois, visto que há folhetos idênticos com títulos diferentes. O primeiro conjunto deles é o **Pau de Arara do Norte**⁹ e **A Triste Partida Nordestina**.

Após descrever os efeitos da seca, Patativa canta:

venderam o burro
jumento e cavalo
até mesmo o galo
venderam também
e logo aparece
um feliz fazendeiro
por pouco dinheiro
lhe compra o que tem

em cima do carro
se junta a família
chega o triste dia
já vão viajar
a seca é terrível
que tudo devora
lhe bota pra fora
do torrão natal

.....

chegaram em São Paulo
sem cobre e quebrado
o pobre acanhado
procura um patrão
só ver cara feia
de uma estranha gente
tudo é diferente
do caro torrão

trabalhou um ano
dois anos mais anos
e sempre no plano
de um dia ainda vir
o pai de família
triste mal dizendo
assim vão sofrendo
tormento sem fim

.....

distante da terra
tão seca mais boa
sujeito a garoa
a lama e o qual
é triste se ver
um nortista tão bravo
viver sendo escravo
na terra do sul

O segundo conjunto é **Emigrantes Nordestinos no Sul do País e Emigração e Conseqüências**. Patativa aqui é muito mais específico sobre a miséria e a desintegração familiar migrante em uma das grandes cidades do Sul. Pai e mãe, ambos trabalhando em duas ocupações humildes, vivendo em favela, não podem cuidar de suas crianças, que ficam em casa sozinhas:

Eles ficando sozinhos
Logo fazem amizade
Em outros bairros vizinhos
Com garotos da cidade,
Infelizes criaturas,
Que procuram aventuras
No mais cruel padecer.
Garotos abandonados
Que vagam desesperados
Atrás de sobreviver.

E logo:

A sua filha querida
Vai por uma ilusão
Padecer prostituída
Na vala da perdição.
E além da grande desgraça
Das privações que ele passa
Que lhe fere e que lhe inflama
Sabe que é preso em flagrante
Por causa insignificante
Seu filho a quem tanto ama.

Estes pobres delinqüentes,
Os infelizes meninos
Atraem os inocentes
Flagelados nordestinos
E estes, com as relações,
Vão recebendo instruções
Com aqueles aprendendo
E assim, mal acompanhados,
Em breve aqueles coitados
Vão algum furto fazendo.

É quase impossível escapar de condições como essa e qualquer brasileiro pode contar histórias semelhantes mesmo que sem a pungência dos versos de um poeta popular do nível de Patativa do Assaré.

Barbosa Leite, um ex-migrante que atualmente reside em Caxias, cidade-dormitório do Rio de Janeiro, descreve em **Estórias de Retirantes**¹⁰ uma partida desesperada de nordestinos.

Uma vez eu assisti
de um trem uma invasão
confesso que até tremi
vendo aquela confusão.

Os retirantes chegavam
e falavam como a gente,
passagens solicitavam
para uma viagem urgente.

e cada vez mais chegando
os retirantes encostavam
e iam se aboletando
em qualquer lugar que achavam.

Até que um trem surgiu
numa curva da estrada
e aquela massa investiu
como se fosse empurrada.

O maquinista aflito
fazendo a máquina parar
pendurou-se no apito
até a válvula estourar.

Mas a massa não ligava
para o perigo que havia,
quebrando o que encontrava
e que seu avanço impedia.

Do Estado do Piauí vem um folheto escrito por Salgado Maranhão intitulado **Aboio ou Saga do Nordeste em Busca da Terra Prometida**.¹¹ Ele define assim o migrante:

parece que o nordestino
já nasce com a trouxa pronta:
tem que seguir o caminho
por onde a miséria aponta
vai ser trópego pela vida,
cai até perder a conta.

E conclui:

por que será que a gente
tem tanta força e energia,
constrói barragens e prédios

Pelas janelas entrava
dos carros superlotados,
as grades logo arrancava
deixando os vidros quebrados.

O agente da estação
nada podia evitar
e deu logo permissão
para o trem continuar.

A máquina foi se arrastando
carregando o que podia
em cada curva bufando
pelo peso que havia.

Tinha gente dependurada
e por cima dos vagões
e pessoas machucadas
por causa dos empurrões.

Foi-se embora o trem sinistro
e, depois de sua partida...
piedade, Jesus Cristo!
– eu pensei em seguida:

tinham ficado crianças
sem os pais, que prosseguiram
– iguais a estas lembranças
outras jamais me feriram.

ou vem pras bandas do sul,
ser escravo em construção
ou fica na enxada
socando que nem torrão
ou vai parar nos garimpos
morrer de febre sezão.

constrói pão e alegria;
só não consegue é viver
daquilo que a gente cria?

O último folheto incluído neste item é **O Porquê da Migração** (1983), de João de Barros, residente em São Paulo. J. Barros explica que a migração ocorre devido a fracassos no campo ou à falência das indústrias do Nordeste:

O banco que emprestou
O dinheiro prá plantar,
Quando chega o fim do ano
O cabra não vai pagar.
Vem logo os fiscais do tal:
Suas terras confiscar

Esse prá não ser escravo
Avisa prá seu senhor
Vou embora prá São Paulo
Me desculpe seu Doutor
Sem pensar que vai torná-se
Ainda mais sofredor

E aquele que não tem terra:
Trabalha de alugado.
Esse é o burro de carga
Do senhor de engenho malvado
Nem sequer tem o direito
De ter seu próprio roçado

.....

Industriazinhas fechadas
O povo perdeu a conta.
Tudo isso é a miséria
Que em cima do povo monta
A barra está mais pesada
Do que o que a gente aponta

Vão prá outras capitais
Que oferecem recursos
Não vejo nada demais.
Por isso a migração
Aumenta de mais a mais
O povo vê-se apertado

Embora João de Barros justifique a migração, deixa bem claro que ninguém realmente gosta de se mudar para outro lugar. E quando assim procede, suas probabilidades de sucesso são muito limitadas. E assim, a triste odisseia do nordestino mostra que, de fato, ele não tem como escapar do seu destino adverso.

5. Propaganda sobre o Rio de Janeiro

Há um só folheto incluído neste item: **Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa**, de José de Arimatéia (1982). Parece ser uma espécie de propaganda turística, embora haja algumas considerações que traem uma origem crítica nordestinamente orientada:

O rio dos nordestinos
Onde vivem sem arruína,
sobrevivendo a vida
Faz da luta sua rotina.
- Conforme meu orçamento
Oitenta e sete por cento
Tudo é gente nordestina.

Este tipo de folheto pertence aos chamados "folhetos de louvação", que são habitualmente escritos com a finalidade de agradar autoridades ou habitantes locais. Muitas vezes, quando um poeta é apanhado pela polícia com um folheto pornográfico muito agressivo, procura se redimir através de um folheto laudatório. Pode ser este o caso de José de Arimatéia, pois seus demais folhetos são plenos de crítica social.

6. A Migração para o Rio de Janeiro

O mais antigo folheto incluído neste item é **O Sertanejo e a Volta da Asa Branca**,¹² de Manoel Camilo dos Santos. Tem-se aqui a estória de Zeca, um nordestino que migra para o Rio de Janeiro. Antes de partir, Rosinha, sua namorada, oferta-lhe uma gaiola com uma "asa branca". Zeca obtém sucesso no Rio de Janeiro:

Zeca chegando no Rio
colocou-se muito bem,
ganhando muito dinheiro
passeiando a bonde e trem,
na praia Copacabana
chegou a gostar de alguém.

Mas um dia ele abre a gaiola e a sua "asa branca" vôa imediatamente de volta ao Nordeste, logo sendo seguida por Zeca.

Outro folheto é **Zé Matuto no Rio de Janeiro**, de José João dos Santos. Conta-se aqui a estória de um certo Zé Matuto que, como tantos outros, decide tentar a sorte no Rio de Janeiro. Vende tudo que possui e, ao chegar ao Rio, passa por uma série de dificuldades, pois desconhece completamente o comportamento da gente da cidade. Em consequência, perde todo o seu dinheiro e alguns ex-migrantes se cotizam para pagar sua viagem de volta ao Nordeste. Ao chegar, ele vai à casa da mãe:

Chegou em casa sem nada
Com fome sem um tostão
Contou tudo a mãe pedindo
Um prato cheio de feijão
Ela encheu uma bacia
Zé com a fome que ia
Comeu sentado no chão.

Manoel Ferreira Sobrinho escreveu, em 1966, o folheto **O Nordestino no Rio**, onde ele clama contra as informações erradas que em casa são passadas por migrantes que retornam aos seus locais de origem. Muitos tentam esconder as tristes condições que encontraram no Sul:

Muitas vezes no nordeste
Chega mais de um camarada
Se metendo numa bossa
Com a conversa mudada
Porém se vier a mim
Eu digo não é assim
Deixe de história furada.

Era bom dizer que estava
Misturado com cimento.
Com pedra cal e areia
Correndo todo momento
Suado as veses de mais.
O mestre de obra atraz,
Cheio de aborrecimento.

Os últimos três folhetos que tratam da migração para o Rio de Janeiro foram escritos pelo mesmo autor, Apolônio Alves dos Santos, famoso poeta e editor. Ele geralmente se mostra otimista quanto ao sucesso do migrante. Ele narra, em **Um Matuto do Sertão Chegando no Rio de Janeiro** (1988), a história de um matuto que, após passar os já conhecidos estágios de miséria, de venda a qualquer preço de seus haveres, e de mudança para o Rio, experimenta o também conhecido choque cultural da cidade grande. Depois de ser roubado de todos os seus haveres, fica perdido na cidade e termina na praia de Copacabana. Ao ver todas aquelas mulheres semi-nuas, não resistiu. Há um final feliz porque ele acaba ganhando os favores de uma dessas mulheres e nem mesmo a polícia pode prendê-lo.

O mesmo autor, em **Os Nordestinos no Rio e o Nordeste Abandonado**, descreve as novas condições dos migrantes:

Alguns que chegam no Rio
sem ter nenhuma instrução
vão dar um duro tremendo
dentro duma construção
enfrentar a picareta
ou o carrinho de mão.
Vão morar pelos subúrbios
porque não podem ficar
pertinho do seu trabalho
pois nenhum pode alugar
casas ou apartamentos
pois o salário não dar.

Aqueles pobres coitados
que vão morar mais além
saem cedo e voltam tarde
nem come, nem dorme bem
se levantam à meia noite
para não perdê o trem.

Outros vão morar no morro
em um péssimo barracão
sai todo dia bem cedo
com a marmita na mão
para pegar 7 horas
na fábrica ou na construção.

Mas Apolônio Alves dos Santos ainda prossegue otimista:

Apesar do sacrifício
aqui no Rio de Janeiro
tem o salário família
e mais o décimo terceiro
e pobre vive empregado
e livre do fazendeiro.

Embora a realidade também se faça presente:

.....

Enquanto o Sul do País
de mais a mais engrandece
nosso Nordeste coitado
de dia a dia enfraquece
enquanto o sulista engorda
o nordestino emagrece.

Em seu terceiro folheto, **O Agricultor Nordestino que veio Traba-**
lhar na Obra do Rio de Janeiro (1982), Apolônio apresenta o migrante
Pedro, que termina trabalhando como operário não qualificado de uma
construção mas que decide plantar verduras durante o tempo livre de que
dispõe. Obtém sucesso, economiza dinheiro e recebe a aprovação do enge-
nheiro da obra que, ao final da estória, vende-lhe um pedaço de terra perto
do Rio de Janeiro.

Ainda que as fantasias de Apolônio tentem apresentar os aspectos po-
sitivos da migração, ele não silencia sobre aqueles indivíduos que fracassa-
ram. Alguns meses atrás, o próprio poeta escreveu ao autor deste artigo a
partir do seu novo endereço em Campina Grande (Paraíba), onde passou a
residir devido as condições insuportáveis que ele, Apolônio, encontrou no Rio
de Janeiro.

7. A Migração para São Paulo

Há treze folhetos incluídos neste item. O mais antigo foi escrito por
Amaro Quaresma dos Santos, nos anos cinquenta, que relata a sua própria
migração, em 1936. O título do folheto é **O Sofrimento da Emigração
para São Paulo**. Naquela época, a migração para São Paulo era, de certa
forma, organizada sob a direção do Governo desse Estado. Selecionava-se
um determinado número de pessoas, geralmente casais, aos quais se forne-
cia, após inspeção sanitária, passagem em navio costeiro. Tais navios tinham
nomes de cidades brasileiras e todos começavam por "Ita". Toda criança bra-
sileira ainda conhece a famosa canção de Dorival Caymi "Peguei um Ita no
Norte pra vir no Rio morar".¹³

Amaro descreve os sertanejos à espera do próximo navio, no porto de
Maceió:

Ficaram as pobres famílias
Na triste situação
Nem se quer tinha um lugar
Que fizesse a refeição
Passando ali a noite e dia
Toda gente que via
Tinha grande compaixão.

Eu vi diverças famílias
Sem ter nenhum aposento
Por baixo dos arvoredos
Esposto a chuva e o vento
Para poder embarcar
Precisava suportar
Todo aquelle sofrimento.

Só podiam embarcar famílias. Por isto:

Tinha rapazes solteiro
Que ficava impaciente,
Porque não podia ir,
Vendo embarcar tanta gente
Pra conseguir a jornada,
Carregava a namorada,
Embarcava facilmente.

Já, naquela época, o poeta, expressava conclusões sobre os resultados improváveis da migração:

Só mesmo os que foram embora,
Nunca pode conhecer
Embarcar para São Paulo
Pensando em enriquecer
Eu como conheço a fundo
Sei que o pobre no mundo
Já nasceu para sofrer.

Eu nunca fui a São Paulo,
Só posso ir algum dia
Se eu pagar minha passagem
Não sendo alta a quantia,
Mas eu liso como vivo,
Penso que vou ser cativo
Para nunca mais ter fúrria.

Na realidade, Amaro, Quaresma dos Santos sempre viveu em São Vicente (perto de Santos, o grande porto de São Paulo) e só foi a São Paulo muito depois (e sempre de trem), ao se tornar mais conhecido, a fim de se entender com o seu editor.

Todos os demais folhetos sobre São Paulo são relativamente recentes, publicados depois de 1970. Via de regra, são muito pessimistas.

Dois deles foram escritos por Franklin Maxado. No **Romance do Vaqueiro, Marciano da Égua**, ele narra que Marciano, depois de raptar sua namorada a fim de casar com ela, leva-a para São Paulo onde ele enriquece. Em seu outro folheto, **O Nordestino no Sul**, ele explica a vida em São Paulo da seguinte forma:

Leva mais de quatro horas
Pra ir e vir do trabalho.
Se diverte é dormindo,
Ou então joga baralho,
pra ver se ganha algum
Trocado, além do malho.

Maxado conclui sua poesia expressando alguma esperança de que:

Se nos derem condições,
Progresso também faremos
lá na nossa região
E pra ela voltaremos.

.....

E Maxado é um ex-migrante bem sucedido que agora vive feliz na Bahia, o seu Estado natal.

João de Barros (Jotabarro), natural de Pernambuco, onde trabalhou como marceneiro, tornou-se muito famoso em São Paulo como um bom xilógrafo, que tem desenhado as capas de várias centenas de folhetos publicados em todo o Brasil. Ele também é autor de dois folhetos que tratam da migração. Um deles é **O Que Faz o Nordestino em São Paulo**, cuja capa já mostra uma pessoa confusa a observar edifício em construção. Jotabarro menciona que:

Nortista que era vaqueiro
hoje aqui é motorista
camelô de propaganda
tornou-se um grande artista
cada um segue o destino
que tem no ponto de vista.

No metrô, um novo trem
que anda debaixo do chão
precisou de nordestinos
pra fazer escavação
se fosse esperar os paulistas
não se tinha esse trenzão.

.....

Em seu outro folheto, **A Migração do Nordeste a São Paulo**, Jotabarro refere-se à discriminação que os nordestinos sofrem em São Paulo. Ele explica a existência da migração com base não apenas nas secas mas no fechamento das indústrias nordestinas devido à competição das modernas multinacionais estabelecidas no Sul:

Muitas indústrias no norte
a tempos foram fechadas
deixando muitas pessoas
deveras amarguradas
sem empregos sem recursos
e até sem moradas.

Assim, as pessoas migram e:

E ninguém pode impedir
Já que temos liberdade
experimentar o progresso
é um teste de verdade
o experiente busca
o espírito da bondade.

.....

Conclui com algumas observações amargas:

Quem tem a barriga cheia
não sente a fome em alguém
e quem nasceu bem de vida
nunca tem dó de ninguém
esses daí são quem toma
o direito de quem tem.

Outro poeta, Raimundo Nonato de Andrade, em **O Nordestino no Caminho da Ilusão**, refere-se a outro problema muito comum que afeta os migrantes: os contactos com a polícia. Prevalece no Brasil uma lei não escrita de que todo indivíduo que não pode se identificar como trabalhador pode ser preso por vadiagem. Em consequência, muitos migrantes, ao chegarem a uma cidade do Sul, receiam o contacto com qualquer agente policial, por não poderem se identificar como trabalhadores regulares. Raimundo relata as experiências de um nordestino com as autoridades policiais em São Paulo:

Eu já ia na capital
Perdido na ilusão
Um dia meio acinzeado
Mas era só poluição
Entrei num buteco de movimento
Para pedir uma informação
Lá recebi foi ordem de prisão
De uns cabra sem fardamento

Com muitos dias de prisão
Veio um meganha enrevolviado
Botou-me na frente
Para falar com o delegado
Na cadeia da cidade
Fui dizer o que não devia
Fui explicar o que não sabia
Para aquela autoridade

Apanhei que só jumento
Daqueles distintos rapazes
Amostrei a documentação
Aí que apanhei mais
Na frente da população
Agora eu pergunto aos companheiros
Esses são os policiais brasileiros
Dando cobertura à nação

Sentei na frente da autoridade
E começou a interrogação
Fui chamado do que não merecia
Naquela ocasião
Um cabra engravatado
Numa máquina de escrever
Mandando eu dizer
Quantos eu tinha matado

Fiquei dentro da escravidão
Lascado de aperrado
Cada dia mais borracha
Neste homem desprezado
Entrevista sem precisão
Tapa chute pancadaria
Essa foi a maior agonia
Que passei sem culpação

A segurança de lado
O delegado nas perguntas
Quantos roubos eu tinha feito
Em outras regiões
Eu continuava calado
Olhando para a autoridade
Faziam pergunta sem qualidade
Para esse homem desamparado

Eu já estava lascado
Amurrinhado feito a peste
Olhei para a cara do cabra
E disse: Doutor sou do nordeste
Também sou cidadão doutor
Estou velho acabado
Eu trabalhava no roçado
Doutor eu era agricultor

Olhe aqui doutor
Veja a minha situação
Pode vê a minha mala
Só tem uma camisa e calça não
Olhe aqui, minha documentaiada
Nunca matei nunca roubei
Não sei porque tanto apanhei
E tou nesta vida arrombada

Sai da prisão lascada
Todo abatido
Sem saber o que perguntar
Completamente desenganado
Comprei um jornal de leitura
Foi aquele rebuliço
Para arrumar serviço
Fora da agricultura

Outro autor, José Dalvino de Souza, trata da ruptura dos laços familiares em **Ilusões de um Nordestino na Capital de São Paulo**. A estória versa sobre um migrante que deixa a mulher e os filhos e vai para São Paulo, onde, depois de muitas dificuldades, encontra trabalho numa construção. Sua vida é difícil, mas a esposa pensa que seu marido está enriquecendo e decide tomar dinheiro emprestado aos vizinhos a fim de viajar também para São Paulo. Entrementes:

A firma dá um facão
Manda o pessoal embora
Não dá mais alojamento
Ai a coisa piora
Ele sai e a mulher chega
Sem saber onde ele mora

Debaixo de um viaduto
Nessas alturas ele estar
A mulher sem endereço
Não pode lhe encontrar
Numa casa de família
Se destina a trabalhar

Depois de algum tempo, o marido retorna à sua terra e não encontra a família. Encontra somente dívidas. Alguns dias depois, a esposa retorna e:

Começa tudo de novo
Trabalhar no alugado
Comprar tudo o que vendeu
Num preço mais alterado
Mulher chora, filhos sofre
Faz pena ver-se o coitado

E, como conclusão:

Afinal a vida é esta
Em São Paulo é só sofrer
Quem vive lá no Nordeste
O destino é conhecer
Depois que conhece o Sul
Tem vontade de esquecer.

Há quatro outros folhetos cuja mensagem é aproximadamente a mesma: a migração com alguma possibilidade de sucesso mas que, na maioria dos casos, termina pelo retorno dos migrantes ao Nordeste. Assim, tem-se **Partida para São Paulo**, de Manoel Leite Filho, **São Paulo, a Canaã do Nortista**, de Bernardino de Sena, **O Sofrimento do Nortista em São Paulo ou Rio de Amargar**, de José Gentil Girão, e **São Paulo, o Sonho do Nordestino**, de Raimundo Clementino Neto.

Um tipo diferente de folheto, de propaganda eleitoral, de autoria de um poeta desconhecido chamado Malaquias Gomes, intitula-se **O Nordestino que Sonhou com Deus e Desafiou São Paulo**. Também fala do problema migratório mas desta vez, entretanto, refere-se a um certo candidato político. A mesma trajetória é apresentada, com a única diferença de que o candidato promete combater algumas injustiças e promover melhorias sociais.

Finalmente, temos **A Vida do Nordestino que Veio para São Paulo**, de Júlio Gomes de Almeida. Aqui, mais uma vez, mas de forma bem clara e detalhada, tem-se toda a trajetória dos migrantes. Como exemplo, vejamos a propaganda que é feita por um nordestino retornado:

Chegou então Amadeus
filho de Zé Julião
que vinha de São Paulo!
e dava boa informação:
– Aquilo é que é vida boa
emprego se acha à toa
não pensa duas vezes não.

Lá estou tem muito tempo,
vivendo bem empregado,
é dinheiro com fartura
e mulher por todo lado.
Isso aqui é um tormento
é uma vida de jumento
que vive de comer amarrado.

Norbertino então pensou:
São Paulo é importante
Amadeus era um tapado
e está todo falante,
bem vestido e endinheirado,
foi feio, desajeitado
e voltou rico e elegante.

Mas, chegando Norberto ao centro de São Paulo:

Na rua só via gente
suja e dezarrumada

muito magra, muito feia
por muitos filhos cercada.
Ficava sem entender
Pois não esperava ter
aqui gente abandonada.

Como vemos, os folhetos que se referem a São Paulo assemelham-se àqueles que dizem respeito ao Rio de Janeiro. Há, entretanto, uma ligeira diferença: os nordestinos que se radicam no Rio de Janeiro, devido provavelmente a um tempo de residência mais longo e a uma melhor organização grupal, mostram-se de alguma forma mais satisfeitos no seu novo ambiente. É possível que o clima e os aspectos físicos do Rio tenham mais em comum com as capitais nordestinas do que a fria, chuvosa e interiorizada cidade de São Paulo. Como resultado, percebe-se muito maior satisfação em relação ao Rio do que a São Paulo.

Os folhetos paulistas são também mais agressivos e reivindicatórios do que os cariocas. Todos eles, em geral (e aqui também se pode incluir os que se referem a Brasília) tentam conscientizar o migrante em potencial sobre suas prováveis desventuras. Por outro lado, como a maioria dos folhetos são agora impressos e vendidos no Sul, cuidado especial é tomado no sentido de se mencionar também alguns bons aspectos relativos a esta parte do País.

Afinal de contas, os habituais leitores de folhetos são, em maior parte, nordestinos, todos eles ex-migrantes que obtiveram algum sucesso, pelo menos a ponto de terem condições de comprar um folheto.

8. A Migração para Brasília

Temos disponíveis apenas dois folhetos que se referem a Brasília. Nenhum dos dois, contudo, sequer menciona o nome da nova capital brasileira na capa. Isto é bastante estranho, por ter sido Brasília construída de forma muito apressada e intensiva tão logo Juscelino Kubitschek assumiu o Governo, em 1956. Em consequência, milhares de nordestinos vieram de todas as partes do País e iniciaram a obra. Os anos cinquenta também coincidem com o grande "boom" da literatura de cordel, isto é, a época em que a maioria dos folhetos era mesmo impressa e vendida em Brasília. Brasília é um lugar constituído de migrantes (de todos os níveis) e para este autor ainda é um mistério o porquê de tão pouco espaço na poesia popular brasileira ter sido dedicado a tão importante vaga migratória.

João Bandeira de Caldas, membro de uma das mais famosas famílias de "poetas" do Brasil, relata brevemente em seu folheto **Viagem ao Sul do País**:

Já vi nordestino
que foi a Brasília
vestiu a família
saiu de fuxico

partiu sem dinheiro
sem roupa sem sobre
saiu como pobre
chegou como rico

Em outro folheto, **Novo Pau-de-Arara do Norte**, de Manoel João da Silva, após as habituais descrições da miséria no Nordeste, relata-se:

Chegou em Brasília
lá deixou o nortista
o povo logista
vem todo abismar
Dizendo o Norte
só bota sambudo
Do bucho peludo
é vê cambambar

Entrara em Brasília
procura um serviço
É um sacrifício
pra se colocar
E quando arranja
não tem a morada
É mesmo que nada
não pode ficar.

Brasília é boa
pra homem artista
engenheiro e dentista
é bem empregado
Mais gente da roça
que vive da foice
Chegou desgraçou-se
não tem resultado

Agora pensando
o que faz da família
Porque em Brasília
não pode ficar
No posto sueste
comprou a passagem
E nova viagem
para Paraná.

9. Saudade e Retorno

Praticamente, todos os folhetos incluídos neste estudo referem-se ao problema da saudade. A nostálgica separação da terra natal é aguçada pelo desejo expresso de voltar; mesmo os que obtiveram sucesso em sua migração tentam retornar para contar aos outros. Mas, comumente, as situações são como a que é contada por Salgado Maranhão:¹⁴

eu passo os fins de semana
no botequim da esquina
lá onde encontro os amigos
bebendo da mesma sina
enchendo a cara de cana
pra esquecer a chacina

eu passo horas vagando
nas praças da imigração,
buscando alguma lembrança
que me transporte ao sertão,
um gemido de viola
que adoce o meu coração

.....

porém só ouço gemidos
de irmãos expatriados,
todos com o peito mordido
e os semblantes marcados
tangidos pela miséria
e por aqui despejados.

No que concerne a este item, há dois folhetos que tratam exclusivamente do assunto. Um deles é **A Volta dos Nordestinos do Sul do País**, de Joaquim Luís Sobrinho e outro é **Saudade dos Nordestinos**, de João Severo de Lima.

Joaquim Luís Sobrinho fala sobre os retirantes ao receberem notícias de chuvas no Nordeste:

E os que estão ausentes
Lá pelo Sul do país
Quando sabem da fatura
Tem deles que se maldiz
Ah eu lá na minha terra
Meu Deus o que foi que fiz?

Quem tem dinheiro guardado
A saudade não lhe acaba
Quando sabe da notícia
Diz: eu vou pisar na taba
Vai logo comprar passagem
Deixa o trabalho e desaba

E quando o retirante retorna:

O nortista quando chega
Em sua terra natal
Para seus familiares
A alegria é geral
Haja farra haja banquete
É um grande festival

João Severo de Lima, após referir-se à trajetória dos migrantes e a seus tristes resultados, relembra o leitor sobre a profunda saudade que nunca deixará o nordestino residente no Sul:

Quem anda na terra alheia
precisa muito cuidado
porque por qualquer u'a coisa
por comum é censurado
e assim padece muito
quem está do lar afastado

Tem saudade dos festejos
das fogueiras de São João
das noites de cantoria
das festas de apartação
dos aboios dos vaqueiros
nas quebradas do sertão.

Tem saudade dos lugares
onde em pequeno brincou
dos cantos onde arapuca
prá pegar pássaros armou
dos caminhos das escolas
onde muito viajou

Tem saudade dos passeio
que fazia com as irmãs
das lagoas dos açudes
onde via nas manhãs
as marrecas se coçando
pertinho das jassanãs.

.....

E, de lembranças em lembranças, o poeta enche os corações dos leitores de pura nostalgia, reforçando neles o desejo profundamente arraigado de volta à casa. A maioria deles nunca reverá seus parentes nem os locais onde nasceram. Simplesmente não terão coragem ou já estarão demasiadamente atarefados, tentando sobreviver em alguma fazenda ou fábrica do Sul. A maioria deles já terá esquecido as tristes condições de sua existência rural anterior e relembra apenas as doces experiências da infância e talvez suas primeiras experiências amorosas. Para a maioria, o Nordeste será apenas uma memória adoçada pelas difíceis condições de sua atual existência. É por isto que todos os brasileiros, todos que de alguma forma são migrantes, nunca esquecem a canção famosa de Dorival Caymi, já mencionada antes – **Adeus, Belém do Pará**¹⁵ – especialmente a última estrofe:

Estou há bem tempo no Rio
Nunca mais voltei para lá
Pro mês inteira dez anos
Adeus, Belém do Pará!

10. São Saruê, Uma Utopia-Folk Brasileira

O sonho real dos brasileiros, sejam ou não nordestinos (e por que não incluir todas as demais pessoas do mundo?) é encontrar um lugar onde haja amor e paz, abundância de tudo e nada de trabalho. Um poeta popular de Campina Grande (Paraíba) encontrou-o. Seu nome é Manoel Camilo dos Santos, um autor famoso de centenas de outros folhetos, assim como um editor de seus colegas. Infelizmente, Manoel Camilo faleceu recentemente, de modo que o que podemos fazer é apenas seguir as instruções que ele nos transmitiu em seu folheto. Nós o incluiremos neste estudo como uma espécie de adendo. Fantasias à parte, esta poesia também mostra o que é realmente importante para o camponês nordestino, com o que ele sonha e o que gostaria de realizar.

Infelizmente, "São Saruê", como todas as utopias, é apenas um sonho, embora muito belo para ser esquecido.

Doutor mestre Pensamento
me disse um dia: – Você
Camilo, vá visitar
o País SÃO SARUÊ
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
neste tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.

Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.

Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandecente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.

Enquanto a tarde caía
entre mistério e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios do sol
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia

Ao surgir nova aurora
senti o carro parar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revoltado banhando
as dunas da beira-mar.

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: São Saruê
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo de São Saruê
tudo tem felicidade
Passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de pratas
fechaduras de "rubim"
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim.

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê
São de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despulpado
Peru nasce de escóva
sem comer vive cevado.

Galinha põe todo dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de semente
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumado
saem do mar e vem pras casas
são grandes, gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Maniva lá não se planta
nasce em vez de mandioca
bota cachos de beijú
e palmas de tapioca
milho a espiga é pamonha
e o pendão pipoca.

As canas em São Saruê
não tem bagaço (e gozado)
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.

Lá os pés de casimira
brim borracha e tropical
de nycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota as roupas prontas
próprias para o pessoal.

Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados
os de sapatos da moda
têm cada cachos "aloprados"
os pés de meias de sêda
chega vivem "escangalhados".

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

Lá quando nasce um menino
não dar trabalho a criar
Já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
salta, corre canta e faz
tudo quanto se mandar.

Os pés de notas de mil
carrega chega encapotá
pode tirar se a vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota.

Lá não se ver mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é igual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

Lá existe tudo quanto é de beleza
tudo quanto é bom belo e bonito,
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Arão
conduziam o povo a Israel,
onde diziam que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria:
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético lá eu fiz
me deram o mandado de um juiz
um anel de brilhante e de "rubim"
no qual um letrado diz assim:
- É feliz quem visita este País.

Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quiser ir para lá
posso ensinar o caminho,
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

Se tivéssemos mais espaço, poderíamos analisar linha a linha e então ter uma boa idéia sobre o que exatamente o nordestino comum do interior gostaria de ter. Mas pensamos que o próprio leitor pode formular uma boa idéia sobre os possíveis desejos dos sertanejos. Há uma coisa, entretanto, sobre a qual gostaríamos de chamar a atenção: a presença de árvores com papel-moeda e moitas de ouro e prata. Isto indica que, mesmo possuindo tudo que necessita, mesmo vivendo num paraíso, o sertanejo não confia inteiramente no futuro.

Assim, tenderia a coletar dinheiro ou metal a fim de estar preparado ou para mandar seus parentes de volta à casa.

CONCLUSÃO

A tendência e a necessidade de abandonar a terra natal, a família e tudo que lhe é caro a fim de tentar algo inseguro é o grande desafio e, muitas ve-

zes, a decisão desesperada de muitos nordestinos. Os tristes resultados de tantos que tentaram antes são contrabalançados por informações otimistas daqueles poucos que obtiveram sucesso. Assim, ele arrisca tudo e, em muitos casos, a própria existência.

Heróis porque arriscam o desconhecido com poucas chances de sucesso?

Covardes porque abandonam a terra, a família, numa luta sem esperança?

Nem uma coisa, nem outra! São apenas seres humanos que querem experimentar a sensação de algo melhor e mais justo. São Saruê é só um sonho. Isto fica claro para todos. Mas as grandes cidades do Sul, à vida mansa descrita pelas novelas de TV e pelas revistas não dá para se resistir. E então eles partem como antes, na terceira classe dos "Itas", ou, como depois, nos caminhões paus-de-arara, por estradas sem-fim, ou, como agora, simplesmente de ônibus, mas sempre com muita tristeza e não menor esperança de uma existência melhor, num mundo mais justo.

NOTAS

1. Dados obtidos do **Almanaque Abril 88**. São Paulo: Ed. Abril, dez. 87, p. 161
2. Ver bibliografia
3. O Presidente cujo mandato está terminando, José Sarney, é nordestino do Maranhão, assim como os dois candidatos presidenciais que disputaram o turno final: Collor de Mello (Alagoas) e Luís Inácio Lula da Silva (Pernambuco). Collor foi eleito.
4. No Sul, perdeu-se muito das tradições folclóricas portuguesas devido à influência de outras correntes de colonização mais recentes. No Norte e no Centro, devido à ausência de um número maior de colonizadores, ainda é muito forte a tradição americana.
5. Ver, na bibliografia, MOURA, Hélio Augusto e ANDRADE, Gilberto Osório de.
6. A palavra "praça" equivale a "cidade" porque em todas as áreas urbanas o centro é geralmente ocupado por uma igreja católica rodeada por uma praça ou um parque.
7. "Comércio" é uma outra palavra para "cidade", porque uma das principais razões pelas quais o rurícola vai à cidade é para negociar.
8. "Feira" também equivale a "cidade". "Matuto", "sertanejo", "caboclo" e "tabaréu" são sinônimos.
9. "Norte" é frequentemente empregado para significar "Nordeste", assim como "nortista" para significar "nordestino". O Norte geográfico real do Brasil é a Região Amazônica, mas na forma local nordestina de falar assim não se considera.
10. "Retrante" é um dos sinônimos de "migrante".
11. "Abolo" é uma espécie de melodia monótona e plangente, habitualmente cantada pelos vaqueiros a fim de reunir o gado. Esta palavra também é usada como sinônimo de "poema".
12. Asa Branca é uma ave columbiforme da família dos columbiformes (*Columbo picazuro* Tem.) muito encontrada no Nordeste. É famosa por ser a última ave a abandonar uma área afetada pela seca e a primeira a ela retornar.
13. "Ita" significa "pedra" em tupi-guarani. No Brasil, predominam dois tipos de denominações para os lugares geográficos: a) nomes de santos, comumente ao longo da costa, pois correspondem às localidades fundadas pelos colonizadores portugueses; b) nomes em tupi-guarani (muitos começando com "ita"), dados habitualmente a lugares no interior por brasileiros des-

- cedentes de portugueses e índios, que se expressavam em tupi-guarani até pelo menos 1750, quando Portugal obrigou o uso de sua língua nacional no Brasil.
14. Salgado Maranhão, **Abolo ou Saga do Nordeste em Busca da Terra Prometida**. Ver item 4: Advertências sobre a Migração.
 15. **Adeus, Belém do Pará**. 'Cayml escolheu uma cidade não nordestina a fim de representar o sentimento geral de saudade e tristeza de todos aqueles que não podem retornar.

BIBLIOGRAFIA

MIGRAÇÃO

- ANDRADE, Gilberto Osório de. **Migrações Internas e o Recife**. Recife: MEC/Inst. Joaquim Nabuco, 1979.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- ARNS, Paulo Evaristo, Cardeal. **Cidade, abre tuas portas!** São Paulo: Edições Loyola, 1976.
- CAMARGO, José Francisco de. **Êxodo rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.
- CAMPANHA da Fraternidade. **Via-Sacra do Migrante e Círculos Bíblicos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- COSTA, Manuel Augusto. **Urbanização e migração urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1975.
- DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- MOURA, Hélio Augusto de. & COELHO, José Olímpio Marques. **Migrações para as grandes cidades do Nordeste**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1975.
- MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- PERLMAN, Janice F. **O mito da marginalidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- SOUZA, Itamar de. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.

LITERATURA DE CORDEL

- ALMEIDA, Átala A. de. & ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-Bibliográfico de repentinistas e poetas de bancada**. Campina Grande, CCT/UFPb, 1978. V. I e II.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Ed., 1980.
- CALMON, Pedro. **História do Brasil na poesia de povo**. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1973.
- LOPES, Ribamar. **Literatura de cordel – Antologia**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1983.
- LUYTEN, Joseph M. **A literatura de cordel em São Paulo**. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.
- LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- LUYTEN, Joseph M. **Burajiru minshubon no sekkai**. Tokyo: Ochanomizu, 1990.
- MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- MAXADO, Franklin. **O cordel televisivo**. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.
- MELO, José Marques de (org.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980.
- PELLEGRINI FILHO, Américo (org.). **Antologia de folclore brasileiro**. São Paulo: Edart, 1982.
- PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em questão**. Rio de Janeiro: Presença, 1984.
- SLATER, Candace. **Stories on a string**. Berkeley: USA, Univesity of California Press, 1982.

FOLHETOS SOBRE A MIGRAÇÃO UTILIZADOS NESTE ARTIGO

- AMARO Quaresma dos Santos. **O sofrimento da emigração para São Paulo.**
ANONYMOUS. **O caso do Jary.**
ANTÔNIO Silva Vilas Boas. **A história de um tabaréu buscando a vida na capital.**
APOLÔNIO Alves dos Santos. **Os nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado.**
APOLÔNIO Alves dos Santos. **O agricultor nordestino que veio trabalhar na obra no Rio de Janeiro.**
APOLÔNIO Alves dos Santos. **Um matuto do sertão chegando no Rio de Janeiro.**
BARBOZA Leite. **Estória de retirantes.**
BERNARDINO de Sena Barbosa. **São Paulo a Canaã do nortista.**
DILSON Pinheiro. **O matuto na cidade.**
ELIAS A. de Carvalho. **O drama de um nordestino.**
FIRMINO Teixeira do Amaral. **Despedida do Pihauhy: o rigor do Amazonas.**
FIRMINO Teixeira do Amaral. **A vida dos Seringueiros.**
FRANCISCO Sales Areda. **A pobreza em rebolço e os paus de arara do norte.**
JOÃO Antônio de Barros. **O que faz o nordestino em São Palo.**
JOÃO Antônio de Barros. **O porquê da migração.**
JOÃO Antônio de Barros. **Migração do Nordeste a São Paulo.**
JOÃO Bandeira de Caldas. **Viagem ao sul do país.**
JOÃO Bandeira de Caldas. **Escravos modernos.**
JOÃO Severo de Lima. **Saudade dos nordestinos.**
JOÃO Vicente Emiliano. **Um matuto na cidade.**
JOAQUIM Luiz Sobrinho. **A volta dos nordestinos do sul do Brasil.**
JOSÉ de Arimatéia Ferreira. **Rio de Janeiro cidade maravilhosa.**
JOSÉ Bernardo da Silva. **O retirante.**
JOSÉ Bernardo da Silva. **O sertanejo orgulhoso e seus filhos na praça.**
JOSÉ Dalvíno de Souza. **Ilusões de um nordestino na capital de São Paulo.**
JOSÉ Faustino Vilanova. **Os sofrimentos do pau de arara.**
JOSÉ Gentil Girão. **O motivo porque não estudei, como já tenho sofrido ou o sofrimento do nortista em São Paulo ou Rio é de amargar.**
JOSÉ João dos Santos. **Zé Matuto no Rio de Janeiro.**
JOSÉ João dos Santos. **Os matutos na feira.**
JOSÉ Martins dos Santos. **Os arigós no comércio.**
JÚLIO Gomes Almeida. **A vida do nordestino que veio a São Paulo.**
MALAQUIAS Gomes. **O nordestino que sonhou com Deus e desafiou São Paulo.**
MANOEL Camilo dos Santos. **O sertanejo no Rio e a volta da Asa Branca.**
MANOEL Camilo dos Santos. **Viagem a São Saruê.**
MANOEL Ferreira Sobrinho. **O nordestino no Rio.**
MANOEL João da Silva. **O novo pau de arara do Norte.**
MANOEL Leite Filho. **Partida para São Paulo ou adeus Bezerros querida.**
MAXADO Nordestino. **O nordestino no Sul.**
MAXADO Nordestino. **Romance do vaqueiro Marclano da Égua.**
PATATIVA do Assaré. **Emigração e conseqüências.**
PATATIVA do Assaré. **Pau de arara do Norte.**
PATATIVA do Assaré. **Triste partida nordestina.**
PATATIVA do Assaré. **Emigrantes nordestinos no sul do país.**
PAULO Nunes Batista. **Uma voz contra o martírio do camponês.**
PROVISÓRIO Cabano. **Colono velho do Interior do Pará.**

RAIMUNDO Alves de Oliveira. Declaração e lamentos do soldado da borracha.

RAIMUNDO Clementino Neto. São Paulo o sonho do nordestino.

RAIMUNDO Malheira dos Santos. A vida do nordestino.

RAIMUNDO Nonato de Andrade. O nordestino no caminho da ilusão.

SALGADO Maranhão. Abolo ou saga do nordestino em busca da terra prometida.